

## O DIÁLOGO COM O LEITOR EM MACHADO DE ASSIS E ALMEIDA GARRETT



Nuno Brito<sup>1</sup>

University of California, Santa Barbara

**Resumo:** Em “Memórias Póstumas De Brás Cubas” e em “As Viagens da Minha Terra” de Almeida Garrett tem lugar a simulação de um diálogo com o leitor que partilha de características comuns. O que este estudo pretende analisar é a forma como o leitor é figurado nas duas obras.

*A obra em si mesma é tudo; se te agradar fino leitor, pago-me da tarefa; se te não  
agradar, pago-te com um piparote, e adeus.*

Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas.

*Isto pensava, isto escrevo; isto tinha na alma, isto vai no papel: que doutro modo não  
sei escrever.*

Almeida Garrett, Viagens na Minha Terra.

Podemos dizer em jeito de máxima que todas as obras literárias dialogam com o leitor, uma vez que sem ele a própria obra não acontecia, podemos também corrigir a afirmação e dizer que não se trata de um diálogo mas de uma forma de comunicação, o diálogo em verdade não acontece, o leitor, enquanto tal, não tem voz no próprio texto. Ele pode, enquanto crítico ou autor fazer um segundo texto mas nessa resposta ele deixa de ser autor – o diálogo com o leitor é então um diálogo impossível, mas é um diálogo que pode ser simulado e encenado tal como o fizeram Almeida Garrett e Machado de Assis nas *Viagens na Minha Terra* e nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Separadas por cerca de 34 anos *As Viagens na Minha Terra* de Almeida Garrett e as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* simulam este diálogo ao fazerem presente o leitor no interior da narrativa. A simulação deste diálogo, constante ao longo das duas obras, serve-se de uma multiplicidade de recursos e assume-se como uma das marcas de estilo fundamentais dos dois

---

<sup>1</sup> Nuno Brito is a PhD student of Portuguese and Brazilian literature at University of California in Santa Barbara where he is also a Teaching Assistant in the Department of Spanish and Portuguese. He was professor of Portuguese literature in Universidad Nacional Autónoma de México and has been developing studies on portuguese poetry of the 21st century and modernist brazilian poetry. He published four books of poetry and one of shortstories. In 2008 he won the literary prize of the Student Association of Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

romances. Aqui, faço uma pausa, para repetir a pergunta colocada por Capistrano de Abreu e reproduzida no prólogo das *Memórias Póstumas*: “As *Memórias Póstumas de Brás Cubas* são um romance?”<sup>3</sup>. A resposta “trata-se na verdade, de uma obra difusa”<sup>4</sup> poderia ter sido, também, aquela que Almeida Garrett dá, num período autorreflexivo dentro das *Viagens na Minha Terra* ao afirmá-lo como “despropositado e inclassificável livro”<sup>5</sup>. Nos dois casos pode dar-se a resposta de um livro a outro livro, *Difusas, despropositadas e inclassificáveis* são adjetivos que não foram usados pela crítica, mas antes, dentro das próprias obras. Aqui há, desde logo uma forma de diálogo antecipado com o público leitor e com a crítica, uma previsão da sua reação, aquilo que nas palavras de Garrett poderia ser dito desta forma: “Eu gosto, bem se vê, de ir ao encontro das objecções que me podem fazer; lembro-as eu mesmo”<sup>6</sup>, indo antecipadamente ao encontro da réplica do leitor ou da resposta da crítica, as duas obras apresentam, nelas próprias, as possíveis leituras interpretativas e as possíveis objecções críticas. Isto dá-se através das digressões autorreflexivas, dos períodos em que os momentos narrativos e descritivos se cruzam com a sua própria reflexão. Trata-se de pensar a obra desde dentro, e é sobretudo a partir desta autorreflexão que o diálogo com o leitor vai ser simulado. O narrador dirige-se ao seu público, nomeia-o enquanto leitor individual, caracteriza-o, descreve-o, eleva-o ao papel de personagem, chama-o para dentro do processo criativo, mostra-lhe as decisões e os abandonos, as escolhas estilísticas, tudo aquilo que constitui os alicerces da obra, trata-se de guiar o leitor até aquilo que está por trás de um primeiro nível de leitura, mostrar a obra como um processo aberto e não como um elemento fechado do qual o leitor obtém apenas o resultado final, do qual ele é apenas um consumidor passivo. Tanto Machado de Assis como Almeida Garrett são movidos por esta mesma preocupação, as duas obras evidenciam os momentos de digressão, a escolha dos diferentes tipos de linguagem, os cortes que poderiam ter sido feitos e não foram, as diferentes formas de caracterização das personagens, enfim, as decisões estilísticas que individualizam uma obra. É desta exposição do processo criativo que grande parte do diálogo com o leitor se constrói. O leitor é transportado para o momento em que a escrita acontece, o narrador recorre por isso muitas vezes, à primeira pessoa do plural, o que simula essa sensação de proximidade: “Quem diria que ... suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos. Vamos dar um salto a 1822, data da nossa independência política, e do meu primeiro cativo pessoal”<sup>7</sup>. As reticências simulam as pausas típicas da oralidade o que torna mais autêntico este diálogo.

<sup>3</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 512.

<sup>4</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 514.

<sup>5</sup> GARRETT, *Viagens na Minha Terra*, p. 131.

<sup>6</sup> GARRETT, *Viagens na Minha Terra*, p. 30.

<sup>7</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 532.

Podemos começar por ver como nos é descrito este leitor, ele apresenta-se como um leitor modelo que é caracterizado pelo narrador. O narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* nomeia o leitor quase sempre de forma isolada, sem atributos, sem recurso a adjetivos: “eis aí um mistério; deixemos ao leitor o tempo de decifrar este mistério”<sup>8</sup>, no entanto, ele é também caracterizado como *fino leitor*, *leitor obtuso*, *leitor circunspecto*, *curioso leitor*, *leitor pacato*, *leitor ignaro* ou ainda *pálida leitora*, adjetivos que servem diferentes tipos de caracterizações do leitor em diferentes contextos da obra. Se este leitor é um leitor modelo, ele não é sempre o mesmo, ele representa tipicamente uma sensibilidade estética que irá reagir à obra, um tipo de leitura que é a leitura do seu tempo, essa leitura não será no entanto a mesma em todos os diferentes momentos da obra. O *leitor curioso* ou a *leitora pálida* representam duas formas de reação à evolução da narrativa. Através da figuração do leitor Machado de Assis e Almeida Garrett vão criticar os hábitos de leitura de um público habituado ao romance de sensibilidade romântica ou ultrarromântica, um público que prefere as narrativas de sobrecarga emocional com tramas que privilegiam o drama passional desenfreado, que supra idealizam o herói romântico, a figuração do leitor em Machado de Assis e Almeida Garrett vai ironizar, muitas vezes humoristicamente, este tipo de leitura romântica, caracterizando-a como uma forma de receptividade passiva, não questionadora em relação às decisões do autor cujas escolhas passam a ser sacralizadas. Machado de Assis e Almeida Garrett vão procurar, através do diálogo com o leitor, desconstruir essa sacralidade do autor romântico, o autor afastado que entrega um produto de consumo finalizado, fechado, sem possíveis entradas no seu interior, guiar o leitor pelo interior da narrativa é aproximá-lo, conquistá-lo definitivamente, fazer o autor afirmar-se não como um “eu” deslocado da visão do leitor mas como um “nós” do qual o leitor faz parte. O *leitor pacato*, o *leitor ignaro* ou a *pálida leitora* fazem parte deste tipo de figuração de um público habituado ao romance de pendor ultra-romântico, atentemos a esta passagem das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: “Justamente nesse instante, apareceu na chácara o Lobo Neves. Não tremas assim, leitora pálida; descansa, que não hei-de rubricar esta lauda com um pingo de sangue”<sup>9</sup>, através desta caracterização o narrador mostra um cenário possível de leitura e receptividade de um leitor acostumado a uma norma (caracterizada por certos romances românticos) em que a descoberta da infidelidade ou qualquer entrave ao relacionamento amoroso do herói e da heroína romântica seria resolvido numa cena de violência sobretudo através de um duelo em que o narrador ultrarromântico resolveria definitivamente o conflito e tensão proporcionando um final feliz a que este tipo de público estava mais que habituado. O humor, presente neste tipo de caracterização,

<sup>8</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 595.

<sup>9</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 577.

passa pela hipérbole desta figura pálida que treme. É de salientar a escolha do género, estamos diante de uma leitora, sendo de realçar que o público do romance no século XIX é em grande maioria um público feminino e burguês. A mesma escolha do género dá-se em Almeida Garrett quando nas *Viagens na Minha Terra* o narrador invoca frequência as *belas e amáveis leitoras* que o romance pretende, ironicamente nas palavras do narrador, *satisfazer*.

O *leitor pacato* ou o *leitor ignaro* de Machado de Assis podem ser complementados com o leitor *benévolo* ou *paciente* de Almeida Garrett. Ambos os autores caracterizam assim a passividade deste tipo de público, através desta passividade, o leitor enquanto figura estereotipada é posto em evidência, é de sublinhar o elevado número de vezes que Almeida Garrett usa o termo benévolo que é aliás o adjetivo mais usado para descrever o leitor. Salientar a passividade do público leitor é, tanto numa obra como na outra, uma das maiores recorrências deste diálogo. Este leitor benévolo é aquele que é preciso desequilibrar, desiludir ou *fazer estremecer*: “Vou desapontar por certo o leitor benévolo; vou perder, pela minha fatal sinceridade, quanto em seu conceito tinha adquirido nos dois primeiros capítulos desta interessante viagem”<sup>10</sup>, desequilibrar este público é assim transformá-lo. A sinceridade, tal como ela é apresentada aqui implica que nada daquilo que faz parte do processo criativo seja ocultado ainda que essa exposição seja feita humoristicamente e ironicamente, como nesta passagem:

“sim, leitor benévolo, e por esta ocasião te vou explicar como nós hoje em dia fazemos a nossa literatura. Já me não importa guardar segredo, depois desta desgraça, não me importa já nada. Saberás pois, ó leitor, como nós outros fazemos o que te fazemos ler. Trata-se de um romance, de um drama – cuidas que vamos estudar a história, a natureza, os monumentos, as pinturas, os sepulcros, os edifícios, as memórias da época? Não seja pateta, senhor leitor, nem cuide que nós o somos. Desenhar caracteres e situações do *vivo* da natureza, colori-los das cores verdadeiras da história ... isso é trabalho difícil, longo, delicado, exige um estudo, um talento, e sobretudo um tacto!... Não, senhor, a coisa faz-se muito mais facilmente. Eu lhe explico. Todo o drama e todo o romance precisa de:

Uma ou duas damas, mais ou menos ingénuas,  
 Um pai, - nobre ou ignóbil,  
 Dois ou três filhos de dezanove a trinta anos,  
 Um criado velho,  
 Um monstro encarregado de fazer as maldades,  
 Vários tratantes, e algumas pessoas capazes para intermédios e centros.  
 Ora bem; vai-se aos figurinos franceses de Dumas, de Eug. De Sue,

<sup>10</sup> GARRETT, *Viagens na Minha Terra*, p. 26.

de Vítor Hugo, e *recorta* a gente, de cada um deles, as figuras que precisa, gruda-as sobre uma folha de papel da cor da moda, verde, pardo, azul – como fazem as raparigas inglesas aos seus álbuns e scrapbooks, forma com elas os grupos e situações que lhe parece; não importa que sejam mais ou menos disparatados. Depois vai-se às crónicas, tiram-se uns poucos de nomes e palavrões velhos; com os nomes crismam-se os figurões; com os palavrões iluminam-se ... (estilo de pintor pintamonos). – E aqui está como nós fazemos a nossa literatura original.”<sup>11</sup>

Tanto em Machado de Assis como em Almeida Garrett, o narrador justifica-se ou pede perdão pelos períodos digressivos: “Perdoe-me, leitor amigo, uma reflexão última no fim deste capítulo já tão secante, e prometo não refletir nunca mais”<sup>12</sup>, ou “Não pude resistir a esta reflexão: as amáveis leitoras que me perdoem por interromper com ela o meu retrato”<sup>13</sup>, há igualmente a promessa de se tentarem refrear ou reduzir ao máximo os períodos reflexivos, “este capítulo não tem divagações, nem reflexões, nem considerações de nenhuma espécie, vai direito e sem se distrair, pela sua história adiante<sup>14</sup>, de certa forma, o leitor, enquanto personagem destes romances é interpolado por um narrador que o subvaloriza, ou que admite pelo menos, que tem de efetuar um esforço de contenção para que o leitor o acompanhe e não perca o interesse, várias são as afirmações, ao longo das duas obras em que o narrador refere essa mesma contenção como necessária para satisfazer o leitor, podemos sentir, por isso, uma subvalorização irónica da própria capacidade de entendimento do leitor: “vamos pois com paciência, caro leitor, farei por ser breve e ir direito quanto eu puder”<sup>15</sup>, gera-se então a suposição de que tudo que escapa a um trama linear é demais para este leitor tipificado, é necessário então um esforço de desaceleração, de abrandamento, que pode ser também visto como um esforço de repressão, esse é o exercício de eliminar o excesso, como se o excesso (reflexivo, introspetivo, digressivo) prejudicasse uma leitura tipificada, passiva e previsível, neste caso a ironia de Machado de Assis e Almeida Garrett eleva-se até níveis de grande amplitude. O narrador refere um esforço contínuo de autocorreção e desaceleração, “Ui! Lá me ia a pena escorrendo para o enfático. Sejam simples.”<sup>16</sup>, ou ainda “Mas não, não alonguemos este capítulo. Às vezes esqueço-me a escrever, e a pena vai comendo papel, com grave prejuízo meu, que sou autor”<sup>17</sup>. A torrente da sinceridade referida por Almeida Garrett ou a imagem machadiana de que a sua escrita é como o andar dos bêbados dizem respeito

<sup>11</sup> GARRETT, *Viagens na Minha Terra*, p. 33.

<sup>12</sup> GARRETT, *Viagens na Minha Terra*, p. 169.

<sup>13</sup> GARRETT, *Viagens na Minha Terra*, p. 87.

<sup>14</sup> GARRETT, *Viagens na Minha Terra*, p. 64.

<sup>15</sup> GARRETT, *Viagens na Minha Terra*, p. 131.

<sup>16</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 546.

<sup>17</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 544.

a um estilo inovador, abarcador e totalizante a que este leitor tipo não estaria habituado. Se há um esforço de desaceleração que o narrador diz, ironicamente, ser necessário, há também a necessidade de uma aceleração que é necessário ser feita por parte do leitor, por isso mesmo ele é, repetidamente, interpolado a uma ação ativa na leitura: “Decora esta expressão, leitor; guarda-a”<sup>18</sup>, a reler passagens anteriores: “Relede o capítulo XXVII”<sup>19</sup>, a cruzar capítulos: “Para intercalar com o capítulo CXXIX”<sup>20</sup>, a mudar de capítulo ou a saltar páginas: “se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais, pode saltar o capítulo, vá direito à narração”<sup>21</sup>, ou “A minha opinião sincera e conscienciosa é que o leitor deve saltar estas folhas e passar ao capítulo seguinte, que é outra casta de capítulo”<sup>22</sup>, ou ainda “E quanto a ti, leitor benévolo, a quem só desejo dar satisfação, a ti, se ainda te cansas com essas quimeras, dou-te de conselho que voltes a página obnóxica, porque essas reflexões do último capítulo são tão deslocadas no meu livro, como tudo o mais neste mundo. Dorme pois, e não despertes do belo ideal da tua lógica. (...) Voltemos, voltemos a página com efeito, que é melhor”<sup>23</sup>, a agudíssima ironia desta última afirmação revela perfeitamente a dicotomia entre a passividade de uma leitura resistente à novidade e a inovação estilística empreendida por estes dois autores. Despertar o leitor, avivá-lo, ou desequilibra-lo um pouco de certas *leituras cómodas* seria na verdade, e justamente, um dos atributos que poderíamos conferir tanto a Machado de Assis como a Almeida Garrett.

A simulação do diálogo com o leitor permite uma multiplicidade de esquemas possíveis. Se o narrador interpela o leitor, também ao leitor interpela cabe interpelar o narrador, ele torna-se uma personagem ativa com uma ação concreta no interior da narrativa: “Desço imediatamente; desço, ainda que algum leitor circunspecto me detenha para perguntar se o capítulo passado é apenas uma sensaboria ou se chega a empulhação...”<sup>24</sup>, ele confronta o narrador, cria objeções: “Ouço daqui uma objeção do leitor: como pode ser assim, diz ele, se nunca jamais ninguém não viu estarem os homens a contemplar o seu próprio nariz?”<sup>25</sup>, objeções às quais o narrador responde: “Leitor obtuso, isso prova que nunca entraste no cérebro de um chapeleiro”<sup>26</sup>. Enquanto personagem o leitor é comparado, nas suas características, às personagens do romance: “o que é novo neste livro é a geologia moral do Lobo Neves, e provavelmente a do cavaleiro que me está

<sup>18</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 546.

<sup>19</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 560.

<sup>20</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 623.

<sup>21</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 520.

<sup>22</sup> GARRETT, *Viagens na Minha Terra*, p. 31.

<sup>23</sup> GARRETT, *Viagens na Minha Terra*, p. 157.

<sup>24</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 553.

<sup>25</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 565.

<sup>26</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 565.

lendo.”<sup>27</sup>.

A simulação do diálogo com o leitor permite ainda um grande grau de maleabilidade e experimentação, nas *Viagens na Minha Terra*, por exemplo, Almeida Garrett simula um diálogo entre as leitoras que se encontram divididas:

Como hei-de eu então, eu que nesta grave odisseia das minhas viagens tenho de inserir o mais interessante e misterioso episódio de amor que ainda foi contado, ou cantado, como hei-de eu fazê-lo, eu que já não tenho que amar neste mundo senão uma saudade e uma esperança – um filho no berço e uma mulher na cova?... Será isso bastante? Dizei-o vós, ó benévolas leitoras, pode com isto só alimentar-se a vida do coração?

- Pode sim.

- Não pode, não.

- Estão divididos os sufrágios: peço votação.

- Nominal?

- Não, não.

- Porquê?<sup>28</sup>

Ao criar uma maior sugestão de maior proximidade, o diálogo com o leitor permite também uma maior concreção imagética, tal é o caso do episódio do delírio das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* em que o narrador refere: “imagina tu, leitor, uma redução dos séculos, e um desfilar de todos eles”, a imagem de forte poder sensorial é potenciada pela interpolação direta “imagina tu leitor”, o verbo imaginar pode ser visto aqui como “Pensar e sentir por imagens”<sup>29</sup>, aceção que Fernando Pessoa lhe confere no texto *A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico* de 1912. Esta interpolação ao leitor, a pensar e a sentir por imagens concretiza, intensifica e torna plenamente vívido um episódio de tão forte poder sensorial como o é o do delírio de Brás Cubas.

Ao chamar, em todas as suas dimensões, o leitor para o interior do processo criativo “o texto deixa de remeter para um espaço ficcional, digamos, externo, para voltar-se sobre si mesmo, sobre sua própria materialidade, cujos limites são dados pela base, altura e profundidade do livro”<sup>30</sup>, o leitor, enquanto presença no interior do livro é alertado para a possibilidade do romance ser ou ter sido diferente, facto recorrentemente repetido ao longo das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* quando o narrador afirma por exemplo: “Talvez suprima o capítulo anterior”<sup>31</sup>, ou “Estou com vontade de suprimir este capítulo (...) Não; decididamente suprimo este capítulo”<sup>32</sup>, o leitor está assim situado, simuladamente, no momento de

<sup>27</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 595.

<sup>28</sup> GARRETT, *Viagens na Minha Terra*, p. 53.

<sup>29</sup> PESSOA, *A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico*, p. 8.

<sup>30</sup> GUIMARÃES, *Os leitores de Machado de Assis*, p. 176.

<sup>31</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 584.

<sup>32</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 603.

decisão de eliminar ou não eliminar, mas também de acrescentar ou não acrescentar: “isto que parece um simples inventário, eram notas que eu havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo”<sup>33</sup>, ou “sim, essas camadas de carácter, que a vida altera, conserva ou dissolve, conforme a resistência delas, essas camadas mereceriam um capítulo que eu não escrevo, por não alongar a narração”<sup>34</sup>. Alongar ou não a narração é, como vimos, um dos eixos centrais deste diálogo.

Podemos falar de uma plena transparência do processo criativo que elimina o afastamento entre autor e leitor ao suprimir um espaço sacralizado, ao suprir um afastamento, essa desconstrução é feita com recurso à fusão do humor com a ironia, em Machado de Assis sente-se mais o uso desse recurso do que em Almeida Garrett, presente sobretudo nos momentos em que o narrador passa uma mensagem de desvalorização daquilo que é afirmado: “Mas este capítulo não é a sério”<sup>35</sup>, ou ainda “Mas, ou muito me engano, ou acabo de escrever um capítulo inútil”<sup>36</sup>.

Tanto Almeida Garrett como Machado de Assis servem-se de recursos muito semelhantes no que toca à figuração do leitor mas nos dois casos encontramos especificidades próprias. Podemos dizer que o narrador de *As Memórias Póstumas de Brás Cubas* pauta o seu discurso por uma maior agressividade em relação ao leitor, este tom é marcadamente mais agressivo que em Almeida Garrett, ele manifesta-se através de interpolação mais direta, incisiva, com uma maior sugestão de intromissão: Mas, enfim, eu escrevo as minhas memórias e não as tuas leitor pacato”<sup>37</sup> ou “o maior defeito deste livro és tu leitor”<sup>38</sup>. Como bem observou Hélio de Seixas Guimarães em *Brás Cubas* “o leitor passa a ser abertamente provocado, insultado, ultrajado, injuriado, desafiado, escarnecido, inferiorizado, humilhado, transformado em objeto de chacota e forçado ao embate constante com um narrador principalmente agressivo”<sup>39</sup>. O leitor figurado em Machado de Assis é um leitor lembrado constantemente da sua condição de leitor. Mas Podemos observar, igualmente, o movimento oposto, o leitor figurado nas *Memórias Póstumas* é mais agressivo em relação ao narrador que o leitor *benévolo* e *amigo* de Almeida Garrett. Ele cria objeções, reage e interpola diretamente o narrador. Esta é uma das singularidades que marcam estas duas formas de diálogo.

Podemos observar, nos dois casos, que a simulação do diálogo com o leitor se manifesta através de uma multiplicidade de formas e serve

<sup>33</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 562.

<sup>34</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 595.

<sup>35</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 624.

<sup>36</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 626.

<sup>37</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 603.

<sup>38</sup> ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, v.1, p. 583.

<sup>39</sup> GUIMARÃES, *Os leitores de Machado de Assis*, p. 175.



igualmente uma multiplicidade de fins. O diálogo com o leitor aproxima definitivamente a figura do autor da figura do leitor, procurando suprimir um espaço de sacralidade que passa a ser relativizado e satirizado, o autor enquanto indivíduo isolado que esconde os processos de criação e oferece apenas um produto final, acabado e fechado, é posto em causa, tal como é posta em causa uma leitura passiva e fechada habituada a velhos esquemas do romance popular do século XIX. O diálogo com o leitor em Almeida Garrett e Machado de Assis permite uma maior concreção imagética e uma sugestão de oralidade dinâmica ao mesmo tempo que aproxima, desconstrói e atrai. Cria identificação e transparência, constitui em suma, uma experiência nova e inovadora na literatura do século XIX que Almeida Garrett e Machado de Assis exploraram em toda a sua extensão.

### **Referências bibliográficas**

- Assis, Machado de (2006.) *Memórias Póstumas de Brás Cubas. Obras completas.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, v. 1.
- Garrett, Almeida (2001.) *Viagens na minha terra.* Lisboa: Guimarães Editora.
- Guimarães, Hélio de Seixas (2004.) *Os leitores de Machado de Assis.* São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Pessoa, Fernando (1912.) *A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico* (Arquivo Pessoa) Disponível em: <http://arquivopessoa.net/typographia/textos/arquivopessoa-3101.pdf> Acesso em: 19/12/2014.